

PROCISSÕES DE OUTRORA
- ELVAS -

I

PROCISSÕES EM GERAL

8

«PROCISSÃO DO MANDATO»

5.^a Feira Santa

1. *Endoenças* — segundo Carolina Michaëllis de Vasconcelos, deve escrever-se *induenças*, visto provir de *indulgências* e a palavra nada ter que ver com *doenças!* ⁽⁶⁷⁾.

A grafia — errada — entrou no uso comum e se nós tivéssemos agora a coragem (que não temos!) de a escrever como a etimologia manda, oh! céus, o que não nos chamariam!

(67) *Fragments etymologiques*, in «*Revista Lusitana*», III, Porto 1895, p. 150.

Endoenças, pois, e hoje só aplicado o vocábulo à 5.^a feira, quando antigamente designava a Sexta-feira Santa.

No IV Concílio Nacional de Toledo, celebrado em 633, foi determinado que, na 6.^a feira santa, o povo se reunisse nas igrejas para assistir ao ofício divino, e todos em alta voz rogassem *indulgência* para os seus pecados, a fim de poderem comungar dignamente no Domingo da Ressurreição. A voz do arcebispo, um grande clamor se erguia do grupo dos penitentes, repetindo muitas dezenas de vezes o grito: *Indulgência! Indulgência! Indulgência!*

«Esta cerimónia, solene, aparatosa, impressionante, que se repetia todos os anos na Península, deu o nome ao dia em que se executava, e passou a exprimir o conjunto das cerimónias próprias desses dias» (68).

O rito visigótico-moçárabe, segundo o qual se desenrolava a cerimónia da absolvição geral, foi extinto no século XI (69).

Isto quanto à palavra e à sua aplicação; no que respeita à festividade em si, ela representa a instituição do Sacramento da Eucaristia. Os ritos ou cerimónias especiais deste dia são: o silêncio dos sinos, a consagração dos santos óleos, comunhão geral com reserva de uma hóstia, *procissão*, desnudação dos altares e *Mandato* ou lavapés a doze pobres em comemoração do que fez Jesus com os doze Apóstolos na noite da última ceia.

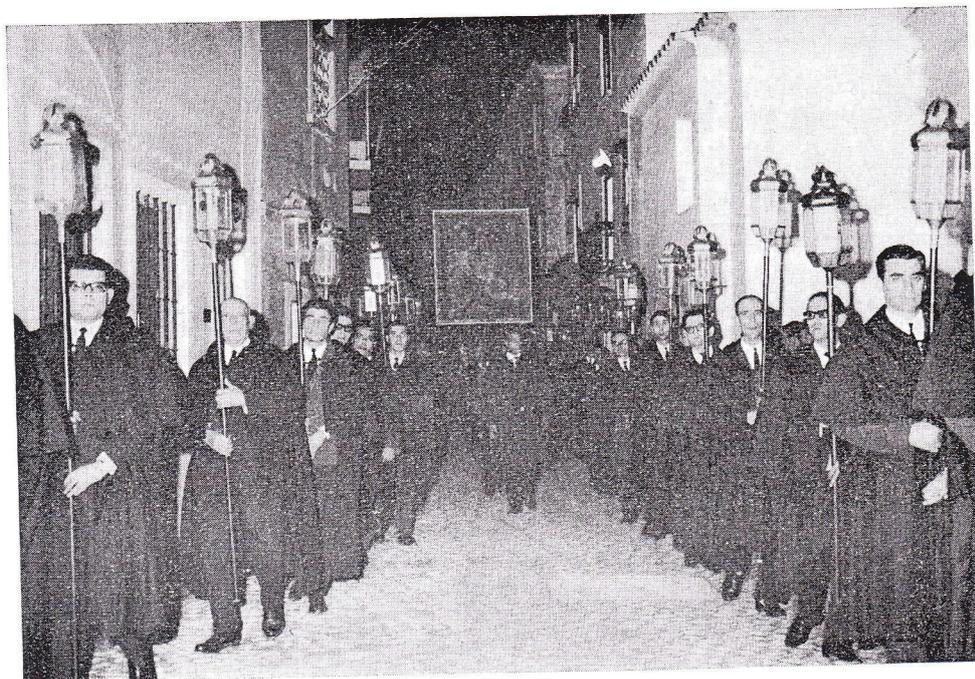
A antifona com que abre a cerimónia começa com as palavras *Mandatum novum do vobis*. Este mandamento é de muito amor, como expressa logo o cântico *Ut diligatis invicem*, e de humildade, cujo exemplo dava naquele acto: *Exemplum dedi vobis* (70).

2. A Procissão deste dia, chamada, por isso do *Mandato*, é também uma obrigação das Misericórdias, mas penso que, actualmente, só a de Elvas a promove, com a mesma compostura de há quatro séculos.

(68) «*Novidades*», de 17 de Abril de 1924 e 7 de Novembro de 1941, e «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol. 8, p. 688.

(69) «*VERBO - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*», 7.º vol., col. 516.

(70) *La Semana Santa*, por Don Vicente de la Fuente, in «*La Ilustración Artística*», Barcelona, Ano V, n.º 225, de 19 de Abril de 1886, p. 139.



Gravura 2 - Procissão do Mandato

É uma Procissão diferente de todas as outras, de muito respeito. Nela apenas figuram homens e todos envergando opas negras.

As janelas e sacadas só ficam, no geral, os velhos e inválidos, pois quase toda a gente procura nas ruas o melhor local para a ver passar, não se contentando em a admirar num único ponto da cidade. Mas nela, como dissémos, só se incorporam homens, homens de opas negras, sérios, graves, de passada firme, certa, que não conhecem nem admitem o cansaço, apesar da volta ser grande.

São 21 horas e 30 minutos. O manto da noite desceu já sobre a fortaleza. Nas ruas estabelece-se, pouco a pouco, o silêncio, e contudo elas são um mar de gente. Da igreja da Santa Casa, cuja fundação remonta a 1501 ou 1502, começa a sair a Procissão, que *visitará* todos os templos e capelas em que esteja exposto o SS. São as únicas vezes que a Procissão pára: uma breve visita a cada um a levar-lhes a divina mensagem: «*Mandato novum do vobis*». Daí a Procissão ser ainda conhecida por da *Visitação às Igrejas*.

De tarde foi o acto soleníssimo e tocante de humildade do Lavapés, tal como o Filho de Deus o praticou na Última Ceia, finda a qual proferiu as palavras maravilhosas e transcendentas, dirigindo-se aos Apóstolos: «*Dei-vos o exemplo para que, assim como Eu vos fiz, vós o façais também*».

A noite é a gloriosa mensagem levada a todas as Casas de Deus. A Procissão entra pelas portas que se lhe abrem de par em par, e onde a espera, paramentado, o pároco ou capelão, rezando-se uma oração em frente do altar mimosamente enfeitado de flores brancas, cuja beleza é acariciada por dezenas de luzinhas.

A Procissão sai e o compassado, longo, silencioso cortejo continua até visitar a última capelinha, regressando depois à Igreja de onde partira em alta e nobilíssima missão.

A frente da Procissão vai um devoto com a matraca, cujo som algo dissonante ecoa pelas íngremes ruas e calçadas, pelos largos e praças do velho burgo medieval. Depois é a Cruz, símbolo do Cristianismo, seguindo-se a Bandeira da Misericórdia, cuja frente representa a Santíssima Virgem, Nossa Senhora do Amparo; as duas alas da Procissão, no meio um Mesário com um grande crucifixo; o capelão, o Provedor e mais membros da Irmandade; a bandeira maior da

Santa Casa, que tem no anverso uma pintura representando a Virgem da Piedade e no reverso um anjo abraçado à escada junto da Cruz e os outros instrumentos do Calvário do Senhor espalhados diante de si. Em tempos remotos esta insígnia era chamada «dos supliciados», porque acompanhava sempre o lutuoso préstito quando um condenado era conduzido ao patíbulo; e por uma Banda de Música tocando uma composição adequada à Semana Santa, e o povo compacto, acompanhando a Procissão com a maior dignidade e em silêncio sepulcral. Só lá à frente a matraca põe uma nota de estridência no ambiente pesado da noite e cá atrás são os acordes bem cadenciados da música a darem ao acto maior grandeza, uma grandeza que esmaga. Os homens levam lanternas altas e a Irmandade distingue-se pelos seus balandraus e varas.

A noite envolveu por completo a católica urbe, decorreram já algumas horas e a rígida, imperturbável e característica Procissão regressa, finalmente, à Igreja da Misericórdia, cõscios todos os que dela participaram de haverem bem cumprido o seu dever. Há séculos que assim acontece e pelos séculos fora que assim será, se Deus quiser. *Mandato novum do vobis* — Amai-vos uns aos outros.

A Procissão percorre o seguinte trajecto: sai da Igreja da Misericórdia - Rua de Évora - Largo de São João de Deus (Igreja de São João de Deus) - Praça Salazar - Largo de Nossa Senhora das Dores (Igreja) - Rua de António Tomás Pires - Travessa de São Francisco - Rua de São Francisco - Rua de João Pereira de Abreu - Rua dos Quartéis - Rua das Beatas - Largo de Alcáçova (Igreja) - Largo do Dr. Santa Clara (Igreja do Senhor Jesus dos Aflitos) - Rua do Tenente Passos e Sousa - Porta do Sol (Sé) - Saída pela Porta do Poente - Praça de D. Sancho II - Porta do Sol - Rua dos Açougues - Rua dos Azevedos - Largo dos Terceiros (Igreja de Santa Clara) - Rua de Francisco da Silva - Rua da Azinheira (Igreja de São Pedro) - Ladeirainha de São Pedro - Rua de Sá da Bandeira - Travessa do Espírito Santo - Largo do Espírito Santo - Rua do Padrão - Rua dos Frades - Largo de São Domingos (Igreja) - Rua da Guarda - Largo do Alfaceiro - Rua do Escorregadio - Largo do Colégio (Igreja) - Rua dos Chilões - Rua da Carreira - Rua da Cadeia - Largo da Misericórdia (Igreja). Distância percorrida: cerca de três quilómetros.

3. Há uma curiosa resolução da Mesa de 1671, no tocante aos ofícios divinos da Semana Maior e procissão de Endoenças. Quanto a esta se assentou, que se formasse sòmente da irmandade de Nossa Senhora do Amparo e em lugar da bandeira real, que era a primeira da Procissão, fosse a da Irmandade e após ela as mais, *como sempre se usou*.

E quanto aos ofícios divinos se deixava de fazer o das Trevas, de 4.^a feira, e o da bênção do círio do sábado santo, por a concorrência ser muito reduzida. E termina a acta: «O que se declara por lembrança, e não como accórdão; pois as mesas futuras podem seguir o que lhes melhor parecer, que sempre será o mais acertado».

— Em 1729 houve um desaguisado entre a Mesa da Misericórdia e os frades de São Paulo, que impediram os músicos de cantar o *Miserere* como fizeram nas outras igrejas só porque a Mesa lho não pedira prèviamente! Esta então *vingou-se*, alterando o itinerário da Procissão, que da igreja de São João de Deus passaria a ir não em direcção aos paulistas, mas pela rua de São Francisco para a Sé, e foi mais além, deliberando que a confraria não comparecesse nos enterros em que fosse a comunidade dos religiosos de São Paulo. Isto em reunião de 17 de Abril, pois na de 24 resolveram ainda que na igreja da Misericórdia se não permitisse aos ditos frades que pregassem sermão algum nas festas ou obrigações das irmandades.

Eram de força estes senhores!

Mas no 1.^o de Maio compareceu em reunião da Mesa um frade, lente de Teologia, em nome da comunidade, a desfazer, humildemente, todas as dúvidas e assim se sanou esta nova guerra do alecrim e da mangerona.

— Por acórdão de 31 de Julho de 1735, dado que à própria hora se notavam sempre escusas e faltas e as substituições não eram fáceis, entendeu-se por bem que a Procissão passasse a ir só com a bandeira da Irmandade e o Senhor Crucificado, e detrás a da Piedade, «e as mais exceptuadas».

Determinou-se, por essa ocasião, que se fizessem 10 lampeões, dois para a bandeira, 6 ao Senhor e 2 para a bandeira da Piedade.

— No Livro de Despesa de 1651 encontramos um interessante assento sobre o custo da Semana Santa e Procissões:

Clérigos e músicos nos officios	3.780 rs.
A 21 clérigos que acompanharam a Procissão . .	1.680 »
À música da Procissão	4.000 »
Ao harpista	400 »
Cera fina para o sepúlcro - 39 arráteis a 200 rs.	7.800 »
Ardido de 26 tochas, 9 ¼ arráteis a 170 rs. . . .	1.570 »
Cera para as Trevas - 15 arráteis a 170 rs. . . .	2.550 »
Velas para a Procissão - 86 arráteis a 170 rs., abatidos os côtos e pingos	11.380 »
Confeitura para a procissão - 24 arráteis a 110 rs.	2.640 »
Vinho - 2 almudes para as garrafas e lavatório dos penitentes	1.500 »
18 panos de seda para armar os postes e capela	1.800 »
Música da Procissão da Ressurreição e Chara- melas	1.200 »
5 mãos de papel para guarda das velas «por respeito do vento»	200 »
<hr/>	
S o m a	40.500 »

— E como nota curiosa para fecho deste capítulo, direi que antigamente era considerado pecado, fazer obras de malha (crochet, meia, etc.) nos dias das Procissões de *Endoenças* e do *Enterro do Senhor*, porque foi neste tempo que os judeus teceram as cordas com que açoitaram Cristo.

PROCISSÃO DO ENTERRO DO SENHOR

6.^a feira Santa

1. *Consumatum est!* O maior drama da Humanidade teve o seu epílogo — terrível, mas necessário! Sem ele não haveria Ressurreição, nem Glória, nem Triunfo. A vida-modelo passaria a vulgar, os próprios milagres seriam deturpados, menosprezados e esquecidos.